I. I. S.
II
1308
L

PROF. N. IORGA
DA ACADEMIA ROMENA — SÓCIO CORRESPONDENTE
DO INSTITUTO DE FRANÇA

As vias de penetração da latinidade no sueste da Europa e em especial na România

CONFERÊNCIA

REALIZADA NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA



LISBOA
— 1928 —

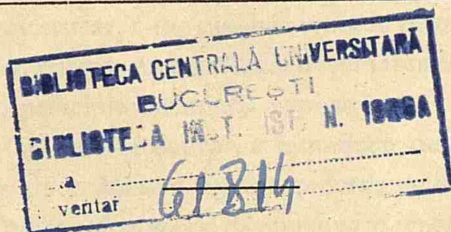
www.dacoromanica.ro

PROF. N. IORGA

DA ACADEMIA ROMENA — SÓCIO CORRESPONDENTE

DO INSTITUTO DE FRANÇA

As vias de penetração da latinidade no sueste da Europa e em especial na România



CONFERÊNCIA

REALIZADA NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA



1928

TIPOGRAFIA CELESTINO DA LUZ

10, Rua Cidade da Horta, 12

LISBOA

www.dacoromanica.ro



As vias de penetração da latinidade no sueste da Europa e em especial na România

I

Mas, antes de tudo, existe *uma latinidade*? Tem-se muitas vezes contestado a sua existência.

Um professor parisiense, ao apresentar-me ao público antes duma conferência, negava-a até com convicção e energia. Objectei que, se não existe *a latinidade*, há, sem dúvida, *latinidade*. O que não pude, então, demonstrar, é-me possivel tentá-lo hoje. E' mesmo dever meu, porque na existência desta latinidade assenta o próprio princípio da minha exposição.

Não se deve procurar a latinidade de raça. Mensuradores de crânios e apresentadores de índices cefálicos, os antropologistas e os etnógrafos terão em breve demonstrado que não existe a unidade de tipo, que ossos e músculos são diferentes nas diversas nações latinas. Nem mesmo dentro de cada uma delas existe unidade. Um bretão não se parece com um loreno, nem um normando com um provençal. Nada liga na aparência um piamontês a um siciliano, ou um genovês a um veneziano; o toscano mostra ainda nos seus caracteres físicos a descendência da velha raça misteriosa, os etruscos. Num volume, *Portugal*, publicado há alguns ânos por um grupo de sábios dêsse país, o sr. Zaborowski quis mostrar que os portugueses pertenciam em

www.dacoromanica.ro

grande parte a velhas raças asiáticas, o que, sem dúvida, a opinião pública do próprio país dificilmente teria aceitado. Na Romània, entre um moldávio, às vezes loiro e ordinàriamente de alta estatura, e um valáquio, atarracado, moreno e vivo, há diferenças fáceis de notar.

Os romanos de outrora, cuja expansão pretendo apresentar, eram romanos da cidade. O sangue dos latinos de Roma e do Lácio tinha-se misturado ao dos etruscos, seus primeiros iniciadores na civilização, ao dos samnitas, raças sabélicas da montanha, ao sangue dos gregos da Grande Grécia do sul da peninsula, ao dos gauleses cisalpinos, ascendentes dos das Gálias e da Celtibéria e ao dos venetos ilíricos, da mesma família que os habitantes da margem oposta do Adriático. Nós abandonámos a teoria ridícula de que os romanos de puro sangue, comandados por Trajano, tivessem completamente destruïdo os dácios dos Cárpatos, poupadas as mulheres que se teriam casado, jovens e velhas, virgens e viuvas, com os invasores, veteranos com uma *honesta dimissio* militar, para produzirem uma nova raça.

Mas, nem por isto somos menos crentes na latinidade. Ela é profunda e manifesta-se instintivamente nos grandes momentos da história. Vimo-lo durante esta terrível guerra em que nem um só latino, mesmo que, como os portugueses, nada mais tivesse a esperar do que os perigos financeiros de que êstes se ressentem ainda, marchou em direcção diferente da da França, ao mesmo tempo que só os búlgaros se desligavam dos eslavos e que a neutralidade escandinava e holandesa servia essencialmente a Alemanha nos últimos apuros.

www.dacoromanica.ro

Há uma alma latina, uma sentimentalidade latina, que valem mais que os elementos anatómicos de que nós somos constituidos. Provêm ela da língua. Se a alma cria a língua, esta por sua vez dá a raça. Fál-o tanto pelo caracter da palavra, que é entre nós clara e harmoniosa na sua vocalidade límpida, como, e principalmente, pela sintaxe, que marca a própria marcha das idéias. E' ela que nos dá, privando-nos, talvez, algum tanto do misticismo dos outros, esta lógica, esta simplicidade encantadora que distinguem todas as nações latinas.

Concebida nêste sentido, a latinidade fez conquistas. E entre as suas conquistas conta-se a do Oriente europeu fazendo que até ao Dnieper, com oasis no Caucaso, e até às margens do Amur mongólico, os acentos da latinidade ressôem por intermédio dos romenos.

II

Não se deve pensar sómente numa obra de implantação oficial, de caracter militar, como a de Trajano. As populações vieram por si próprias, graças a essa vitalidade invasora de que são capazes as nações num só momento do seu desenvolvimento. A Itália alimentava-se de produtos enviados por países estranjeiros. O trabalho livre tinha sido afastado pelo dos escravos, os campos estavam substituïdos pelos jardins e pelos terrenos de caça, como na Inglaterra do seculo XVIII, ao mesmo tempo que surgiam vilas luxuosas em substituïção das cabanas dos camponeses. Deu-se então uma forte emigração, naturalmente para as províncias vizinhas, onde havia campos para ocupar e onde, condição indispensável para a obra da latinização, os habitantes,

www.dacoromanica.ro

invadidos por uma maioria desnacionalizadora, tinham as mesmas ocupações.

Disto resultou o caracter profundamente latino da Provença francesa e, todo impregnado da latinidade popular, o da península dos Balcans que rápidamente se extendeu pelas duas margens do Danúbio.

Para estas regiões do sueste europeu houve, de facto, duas linhas de penetração. A do Norte, através dos territórios austro-húngaros de ôntem, criou uma latinidade, a de Petavium, de Vindobona, de Aquincum, que foi particularmente forte. Atesta-o a vida de S. Severino, onde se veem vir pelo Inn os barcos da Récia, completamente latinizada, como o mostra a existência até hoje dos reto-romanos e dos romanchos. Desta latinização nada chegou até nós, salvo, talvez, o que a antropologia poderia descobrir nos tipos.

De outro lado, a latinidade da Dalmácia, completamente latinizada, e a das regiões do interior, onde a Sérvia Ocidental de hoje ficou romana até ao seculo VII; o próprio aspecto da raça o prova. Jirecek, o grande historiador dos eslavos do Sul, chegou até a fixar a linha de demarcação entre o território ganho pela latinidade, onde subsistem ainda restos da grande família dos trácios, e as regiões do litoral do Mar Negro que ainda conservam a sua helenização.

Entre as duas, estabilizada pela conquista de Trajano, no ano 106 da era cristã, formou-se a latinidade duradoura dos romenos.

Apoia-se ela sôbre fundamentos bárbaros que ficaram na síntese que se seguiu. Já se não renega hoje na România esta contribuïção de elementos bárbaros que

www.dacoromanica.ro

eram desde muito antes da conquista do grande imperador, semi-romanos. O Sr. Camille Julian notava já quanto os gauleses de Vercingetorix e os getas de Borebista, predecessor de Decebalo, o rei dácio vencido por Trajano, formavam uma ilhota de civilização virada para Roma no momento em que se punham em movimento as massas germânicas das invasões. E eu pus uma vez a questão seguinte: — não teria sido preferivel para o futuro da civilização que êsses intermediários, gauleses e dácios, tivessem permanecido para educar os germanos e impedir o conflito fatal entre Roma e os seus conquistadores?

Até hoje, contudo, na montanha onde morreu Decebalo tomando veneno no dia seguinte à sua última derrota, o trajo, espalhado até à planicie, é o daquêles velhos dácios: camisa branca, calças apertadas no tornoselo, cinto de lã ou de coiro, sandálias e, na cabeça, o boné de peles.

Dos dácios vem também o costume das habitações isoladas, perdidas nos jardins e vergéis, em logar das conchas de pedra dos habitantes mediterrâneos. Na vida moral das massas populares conserva-se igualmente muito da alma forte dêstes mais antigos avós.

Mas, a marca da latinidade ficou indelével. O que é mais importante ainda, é *que ela se conservou durante muito tempo num isolamento completo,* porque os laços com o Ocidente bem depressa se romperam.

No seculo III, cêrca de 270, o imperador Aureliano teria abandonado a Dácia, levando, com os funcionários e as legiões, os colonos. Este facto não significaria mais que uma mudança geográfica da base para êsses latinos

www.dacoromanica.ro

que hoje ocupam oásis inteiros nos Balcans, onde os macedo-romenos, kotzovlacos para os gregos, elemento extremamente inteligente, teem largamente contribuïdo para a civilização da Romània no século XIX. Mas o início dêste abandono da Dácia data, como recentemente o sr. Baynes provou, sómente do seculo IV, da época de Constantino Magno, e, nessa época, havia todo o interêsse em salvar a honra do império nesta questão desagradável do abandono de uma das suas melhores províncias.

Dum lado e do outro do Danúbio, mas principalmente ao Norte do rio, porque o Sul era continuamente invadido pelos bárbaros que procuravam a prêsa das grandes cidades até à inexpugnavel Constantinopla, os latinos e os latinizados, confundidos numa só nação, continuavam a viver. Chamavam-se *români*, romenos, e falavam a língua romena, *limba românească* (não o latim). Reconheciam-se vassalos do império que, de de tempos a tempos, nos reinados de Constantino, Justiniano, Maurício, pensava nêles. Não eram vassalos dos reis bárbaros, para os quais êste país de florestas e de miséria não oferecia interêsse. Os velhos, «homens bons e anciãos», estavam á frente das aldeias; juizes (*juzi*) governavam os grupos; duques (*Voëvodos*) defendiam todo um vale contra o inimigo; um *Domn* (dominus) era o senhor superior duma terra (tsara). Daqui se formaram, nos seculos XIII e XIV, os principados da Moldávia e Valáquia, só reunidos em 1859.

www.dacoromanica.ro

III

Para retomar contato com o Ocidente foi necessária a *segunda penetração latina*, a da Idade-Média.

Foi esta devida a duas grandes acções latinas: *a das cruzadas* e a do *comércio levantino*.

A primeira tem sido compreendida como uma luta encarniçada entre a Cristandade e o Islam para a posse da Terra Santa. E' um êrro. Uma página bastaria para escrever os nomes dos cruzados ingleses; os que acompanhavam Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, francês de língua, eram principalmente cavaleiros poatevinos. Os alemães sómente mais tarde, com Frederico Barba-Rôxa, tomaram uma parte passageira nestas emprêsas, parte mais de ordem política, *sem nada colonizarem, sem criarem absolutamente nada*. Do outro lado, na Espanha, havia colaboração entre cristãos e mouros. Na realidade, as cruzadas foram *a expansão da cavalaria francesa no Oriente*, fenómeno essencialmente latino; Portugal com o seu primeiro príncipe burgonhês, conservou-lhe este cunho.

Quando os catalães substituiram em Atenas os duques franceses, e os navarreses, seus sucessores, aí dominaram, essa expansão abrangia a Itália normanda e angevina, a Albânia e a Hungria, no tempo de Carlos Roberto e do grande rei Luís. A sua influência extendeu-se tambem à Valáquia onde, na Igreja principesca de Arges, de frescos à maneira de Giotto, se descobriu o corpo do fundador da independência romena em 1330, usando, com o seu diadema de pérolas, túnica de púrpura com os lis de França, o trajo daquela cavalaria.

www.dacoromanica.ro

Ao mesmo tempo, Amalfi, Pisa, Génova, Veneza, cobriam com os seus estabelecimentos de commércio tòdo este Oriente europeu, ultrapassando-o até com as suas colónias da Síria e do Egipto. Ao lado dêles realizavam os catalães a mesma obra. Os genoveses conservaram o primeiro lugar, a partir do seculo XIII, no Mar Negro, de Pêra de Constantinopla a Caffa da Criméia.

Possuiram no baixo Danúbio Quília, a sua Licóstomo (em grego «bôca de lobo») e, mais a leste, na embocadura do Dniester, Cetatea Alba, «a cidade branca» (para os turco-tartaros, Akkerman), a sua Moncastro.

A penetração dos genoveses na Moldávia foi importante. Já lhe publiquei as provas. A arte romena, bizantina nas suas formas gerais, tambem foi por ela influenciada. Nas igrejas moldávias de três ábsides, cujas janelas e portas são do estilo gótico dos saxões transilvânios, há frescos como os de S. Nicolau de Papautsi, na cidade de Botosani, que atestam esta influência renovadora. Nas scenas da vida de Cristo, principalmente, há uma frescura de expressão nos rostos, uma liberdade de movimento, que contrastam nitidamente com o convencionalismo imobilizador dos bizantinos.

IV

Mas, Génova perdeu o seu domínio nestas regiões no seculo XV quando os turcos renovaram à sua maneira Bizâncio. De novo se estabeleceu o isolamento romeno em relação à latinidade. Foi preciso esperar uma nova investida italiana no Oriente, terceira forma

www.dacoromanica.ro

da expressão latina nestas regiões, para reaver o contato.

Tem-se escrito muitas vezes a história de Veneza, desde o alemão Lebret ao francês Daru, de Romanin a Fulin e Battistella. Mas, a sua verdadeira história está ainda por fazer, como a verdadeira história de Portugal, que não é a da metrópole, mas sim a dêsse Império cuja grandeza está impressa em monumentos como a igreja de Belem. Houve um Império de Veneza mais interessante que a rèpública veneziana, aquêle que se exerceu durante quinhentos anos em Creta, que possuiu cem anos Chipre, que dominou a Dalmácia, a Albânia, as Ilhas Jónicas, a Grécia continental e peninsular, a Eubeia e o Arquipélago, as costas orientais submetidas ao Sultão do Egipto.

Veneza penetrou até à Valáquia.

Um pouco antes do momento em que uma vintena de jóvens romenos eram estudantes de artes em Veneza (cêrca de 1730) um grande e rico príncipe, Constantino Brâncoveanu, que devia ser supliciado em Constantinopla, exactamente por causa das suas riquezas, depois de ter visto tombar as cabeças de todos os seus filhos, dava um novo capítulo à arte romena. Nêsse convento de Hurezi, onde êle quisera ser enterrado (indo afinal os seus restos repousar em Bucarest, sob uma lápide anónima, depois de terem andado em bolandas nas aguas do Bósforo) e no seu palácio de Mogosoaia, perto de Bucarest, edifícios magníficos e ornados de ricas esculturas, os frescos, de rotundas figuras sorridentes, com gestos de calma harmonia, mostram quanto esta arte romena está penetrada da Renascença italiana.

www.dacoromanica.ro

Mas a penetração latina devia em breve vir de outras partes para êste Oriente sempre pronto a acolhê-la.

Um dos caracteres essenciais da latinidade é que as suas manifestações são instintivamente solidárias. As canções de gesta francesas estão ao lado da epopeia hespanhola do Cid; a alegoria do Dante vem de origens francesas; Petrarca em Avinhão é o herdeiro dos líricos provençais; ao hespanhol Guillen de Castro corresponde o génio de Corneille.

Alternativamente as nações latinas representam assim a latinidade comum.

No seculo XVIII é a França que fala para a raça inteira.

Nós vivemos todos do bem e do mal que há nas suas idéias renovadoras. A própria România actual foi tambem criada sob êste impulso e por esta ideologia. Por agora é o ponto a que chegámos.

Mas, cada uma das raças latinas pode e deve ter a ambição de falar no seu momento em nome da grande raça commum à qual só falta uma qualidade tão espalhada entre as outras raças : *a confiança em si mesma*

N. Iorga

Da Academia Romena. Correspondente do Instituto de França





www.dacoromanica.ro



www.dacoromanica.ro